



CONSTRUÇÕES E DESCOBERTAS: fragmentação do sujeito¹

Clevilson da Silva*

RESUMO

Este estudo visa analisar e refletir, por meio de estudos bibliográficos e da teoria social de Stuart Hall, aspectos que permeiam o processo de fragmentação e construção das identidades da personagem protagonista, Nando, na obra **Quarup**, de Antonio Callado. Literatura publicada em 1967, durante período conturbado da sociedade brasileira e, que traz a história política do Brasil getulista como pano de fundo. No decorrer deste estudo serão abordados temas referentes à construção do herói no romance, o mapeamento da ocorrência das identidades e o processo de construção do corpo identitário de Nando.

Palavras-chave: Letras. Literatura. Romance. Teoria social. Personagem. Identidade. **Quarup**. Stuart Hall.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo pauta-se em reflexões sobre questões que permeiam as manifestações construtivas e a fragmentação do sujeito na busca identitária da personagem protagonista de **Quarup** (1967), Padre Fernando (Nando), da obra de Antônio Callado. O protagonista percorre por diversos espaços dentro da narrativa, caminhos esses, que farão com que seu caráter identitário se molde e ganhe consistência pouco a pouco.

A personagem inicia sua história dentro do romance como um jovem Padre pernambucano, com apenas convicções religiosas e o ideal latente de descobrir um Brasil

¹Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2008, sob a orientação do Dr. Henrique A. Roriz.

*Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2008, Especialista em Literatura e Contemporaneidade pela – Faculdades Fasip (FASIP) em 2009. Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

primitivo. Partindo de uma visão utópica a personagem vai caminhar pelas tribulações da vida brasileira, das décadas de 50 e 60, em busca de descobrir-se. A inquietude de seu 'eu' leva Nando por caminhos diversos e, situações em que sua identidade sofre mudanças, influenciada pela ação do meio e das experiências vividas com outras personagens.

A personagem representa a luta identitária do país durante esse período conturbado politicamente e ideologicamente. O jovem Nando irá, durante sua caminhada, se despiando e incorporando em seu 'eu' diversas identidades, como um 'disco de cera' que tem gravado em suas ranhuras milhares de informações que o torna único. No uso da metáfora, Nando é um 'disco de cera' em processo de definição de suas ranhuras, que são preenchidas durante sua caminhada pessoal pela narrativa.

2 FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO: preenchendo as ranhuras do 'disco de cera'

Segundo Stuart Hall (2000), o sujeito moderno não se encaixa mais na concepção de um ser unicamente composto de uma identidade fixa, ou seja, não é mais um sujeito unificado como se pensava anteriormente desde Descartes. O termo identidade, hoje, é muito discutido pela teoria social, que busca explicar os caminhos que o mesmo está percorrendo e onde levará.

Quando está em questão o sujeito contemporâneo, entenda-se que relaciona-se este sujeito com os processos de deslocamento da pós-modernidade. Este sujeito não seria mais composto de uma única identidade imutável, definitiva, como pensava o Iluminismo, pois agora, ele está em processo de fragmentação de sua identidade.

De acordo com Stuart Hall (2000, p.12):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

O que acontece com o protagonista nesse romance é justamente o conflito da desconstrução desse sujeito unificado, o processo de fragmentação da identidade da personagem, que, a partir desse processo, passa a constituir-se de várias identidades. A fragmentação dessa identidade proporciona e dá condições para que a personagem se insira e consiga conviver em diversos espaços e suas peculiaridades.

As relações culturais e sociais, que envolvem a constituição das identidades, agem de maneira a definir e direcionar essa construção identitária do sujeito moderno; é o caso de Nando que cercado pela instabilidade de ambientes, manifestações culturais, políticas e sociais diversas, desloca-se permanentemente, tornando flexível e provisória sua identidade. Essa relação entre o ambiente cultural, chamado por Hall de paisagem, e as identidades, é que promove mudanças, deslocando, assim, o sujeito;

Hall (2000, p. 09) afirma ainda que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

O protagonista de **Quarup** passa por variadas situações onde seus hábitos e conceitos entram em choque com concepções de mundo diferentes; Nando é um jovem padre cristão, envolto em teorias religiosas que o diferenciam da sociedade, em geral. Com o passar do tempo, os acontecimentos na narrativa colocam Nando de frente com novas concepções de mundo, novos conceitos e visões sobre o ser humano, colocando em xeque a sua identidade de religioso.

Na narrativa, há vários personagens como Levindo, o revolucionário; Winifred e Leslie, o casal estrangeiro; Falua, o jornalista; Ramiro, funcionário do governo; Fontoura, indigenista; Januário, presidente das Ligas, Manoel Tropeiro, camponês; Coronel Ibiratinga, militar; e Francisca, professora. Nando, ao passar a conviver com essas personagens, incorpora em seu ‘eu’ novos elementos culturais, construindo sua identidade. Esses elementos, ao se fazerem presentes, deslocam a personagem, inserindo-o no novo espaço que entra em conflito com sua identidade anterior. Esse processo dialoga com a concepção de Stuart Hall, na medida em que apresenta a fragmentação do sujeito, da identidade, devido ao deslocamento do indivíduo, que, ao entrar em ‘crise de identidade’, procura se adaptar ao novo espaço, moldando-se em novas identidades.

A primeira quebra da identidade de Nando se dá no âmbito religioso via ato sexual entre ele e Winifred; ocorre, assim, a ruptura do voto sacerdotal de castidade, ou seja, a personagem rompe com o modelo identitário religioso que mantinha: “Meu amor, vem – dizia Winifred. – De novo. Vê se me espera agora. E lá se ia sua calma entre fonte e fonte, a fonte

das lagoinhas e a fonte da rosa funda, vinofrieda, vinofreya, vitiviniternura de ruiviroxas parreiras.” (CALLADO, 1984, p. 87).

Com a quebra desse valor religioso, Nando se sente livre do medo que tinha da nudez das índias, o que o mantinha afastado de sua missão, e se vê, então, tranquilo para ir ao Xingu. A partir desse momento, a personagem entra em contato com novos espaços de descobertas, moldando sua de uma nova identidade e, assim, inicia um processo constante de construção identitária em busca de respostas existenciais.

Segundo Stuart Hall (2000, p. 13), “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente [...]”. As mudanças sofridas por Nando se dão em diversos momentos, e não se fazem em relação a um único referencial de ‘eu’; e sim a identidades fragmentadas que o compõe enquanto sujeito.

Toma-se como exemplo a passagem de Nando pelo Rio de Janeiro, quando o jovem padre se vê rodeado de simpatizantes e usuários de éter e, levado pela curiosidade, experimenta a substância química. Nesse momento ocorre um deslocamento de seu ‘eu’ e uma incoerência desse ato em relação à sua identidade sacerdotal. Se dá nesse instante, o surgimento de uma identidade nova, que se revela e aceita a experiência produzida pelo éter.

Vanda tinha tomado o frasco da mão de Nando, molhando seu pequeno lenço, colocado o frasco na mesa e passado o lenço a Nando. Como quem não quer nada, Nando aspirou fundo. Alternando lenço e uísque, Ramiro abriu um dos armários de vidro. (CALLADO, 1984, p. 133).

Nando se insere no ambiente dos demais personagens, e assim se faz presente uma nova identidade, moldada pela ação das influências das personagens que o cercam, modificando seu conceito anterior, quando o mesmo nega o éter:

– Padre Nando, antes de me lançar à biografia da farmácia Castanho que vai ser um estudo do Brasil, nos moldes do de Paulo Prado, gostaria de ter a opinião imparcial de um homem de Deus sobre o éter. – Não, não! – disse Nando categórico. – Você pode confiar inteiramente na minha discrição, e na de Vanda, que sempre foi menina exemplar em matéria de guardar segredos. Acredite que prestaria um serviço. – Não, Ramiro, isto não – disse Nando agarrado a um bruxuleio de força de vontade. – Não insiste, Tio Ramiro, o negócio deve ser pecado – disse Vanda bebendo o uísque, num tom que pareceu a Nando meio maroto. (CALLADO, 1984, p. 131).

É o diálogo dessas identidades fragmentadas que em conflito, entram em crise, devido ao ambiente também fragmentado da modernidade brasileira da época, convergindo, via conflito, uma nova identidade. Nesse sentido, Nando seria como um ‘disco de cera’, ganhando uma nova ranhura a cada experiência; a vitrola lê essas ranhuras já existentes e, a partir delas,

faz a leitura de uma nova, permanecendo gravadas todas as anteriores. É como a personagem se sente no romance, em relação a suas descobertas; “- Ah, você não sabe a importância que terão sempre para mim estes primeiros dias aqui no Xingu. Estou me sentindo feito um disco de cera numa gravação, sei lá. – Guardando tudo nas ranhuras – disse Otávio”. (CALLADO, 1984, p. 184).

O sujeito pós-moderno não é constituído unicamente de uma identidade, mas sim de diversas e todas elas dialogam na construção das outras, sempre que a atual entra em crise. Esse diálogo se dá devido ao sujeito ser construído historicamente, o que se dá com Nando, pois a sua caminhada vai construindo essas identidades através da história da personagem.

Nando a partir da experiência sexual, e depois com o éter, já não é mais o mesmo padre regido puramente por convicções religiosas; agora a personagem se apossa de nova identidade e, novamente, procura a experiência sexual. O pecado deste prazer já não lhe é mais tão pesado, e na mesma noite em que provara o éter, também se entregara ao sexo com Vanda: “Mas ainda nem se haviam enlaçado direito no sofá e Nando se esvaía e enterrava entre os seios formosos o rosto queimado de vergonha” (CALLADO, 1984, p. 143).

O sacerdote, vivendo em seu ambiente definido, não sofria interferência externa; sua identidade se mantinha como a de um padre, em seus conceitos e convicções. Porém, agora não estava mais em seu mundo sacerdotal. O sujeito pós-moderno, não se enquadra mais na visão identitária fixa; é um sujeito fragmentado, com identidades fragmentadas. O próprio ambiente no qual se insere a pós-modernidade faz-se também fragmentado, pois são vários ambientes que se entrelaçam, devido ao processo de deslocamento que as sociedades modernas passam a viver. Nando representa, na obra, o processo de mudança das idéias, ideais e utopias à medida que o país também sofre mudanças durante a narrativa, moldando-se identitariamente, ao mesmo tempo em que se insere no mesmo contexto das mudanças.

A esse respeito, Hall (2000, p. 13) afirma que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Se o contexto sócio-cultural das sociedades ocidentais está fragmentado, o sujeito também mostra-se alterado conforme suas necessidades de adaptação.. Os ambientes urbanos não estão mais tão definidos; assim, o sujeito busca se identificar com determinadas referências simbólicas que assegurem estabilidade identitária. Porém, não é isso que acontece, inclusive, na narrativa.

Nando, que anteriormente era um padre, e depois, um catequizador de povos indígenas, a serviço do governo, agora se envolve com alfabetização de camponeses. Primeiro era um sacerdote em busca de catequizar os índios, depois, um indigenista na busca de novas tribos; e agora, um professor. Até esse momento, Nando já percorrera diversos ambientes em sua saga, sempre em busca de algum objetivo, moldando suas identidades de acordo com essas experiências.

Stuart Hall (2000, p.38) vai definir identidade como algo em constante modificação, afastando qualquer relação inata com o sujeito:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre sendo formada.

Essa constante construção identitária é visível em Nando, iniciando como um padre, e acaba como um revolucionário. A personagem vai se constituindo de diversas identidades durante sua saga pela história. A protagonista inicia sua caminhada com uma ‘ranhura’, dentro do contexto do romance, que caracteriza um padre; com o passar do tempo, esse disco vai recebendo mais ‘ranhuras’, devido às novas identidades que a personagem adquire, até preencher toda a superfície deste ‘disco’. Essas ranhuras se ligam umas com as outras através do movimento circular do disco, como um ciclo de experiências que nos constituem como sujeito. Como no disco, as identidades estão fragmentadas; ou seja, são ‘independentes’ entre si, porém, ‘dependem’ uma da outra para se constituírem como um todo no corpo identitário do sujeito.

Quando Nando volta-se para os problemas das ligas camponesas e passa a militar com os colegas na luta pelas minorias, o que não deixa de apresentar influências da luta indígena de Fontoura, na qual Nando esteve envolvido no Xingu. Os reflexos de antigas identidades da personagem se mostram presentes nas novas camadas identitárias: “- Portanto – continuou Nando se entusiasmando – o que se pode fazer é educá-los de modo a que contribuam para o seu sustento com a pesca, a caça, a lavoura, as artes plumárias continuando a se desenvolver como índios.” (CALLADO, 1984, p. 160).

Nesta citação percebe-se a vontade e o prazer que Nando sente em ajudar os índios; é a manifestação de sua identidade indigenista, assim como Fontoura. Assim, ocorrem momentos depois na narrativa, quando a personagem se vê entre os defensores dos camponeses; novamente essa identidade se reflete na construção da atual:

Era com um prazer de neófito que Nando se via agir, ao lado de Januário, de Otávio, de Gonçalo, do Governador. Januário tinha seu plano mestre de, a partir do Engenho do Meio, onde os foreiros tinham levantado suas foices contra a ordem de despejo do proprietário que queria vender as terras, alastrar a rebelião por todos os engenhos, antes de atacar a frente mais dura das usinas. (CALLADO, 1984, p. 387).

No início, a luta de Fontoura entra em choque com as idéias de catequização do padre Nando, pois, catequizar os índios seria um processo de aculturação do povo indígena. Já na luta das ligas camponesas, há a tentativa de garantir seus direitos perante as forças políticas da sociedade dividida pelas injustiças sociais.

No começo havia a vontade de criar um ‘Brasil novo’, através dos índios, mas, com princípios da civilização do homem branco. Depois de perceber que isso não seria possível, essa vontade ainda se volta para modificar o Brasil já existente, por meio da luta camponesa, buscando restaurar a utopia de um Brasil novo, ou seja, ‘o mundo de Levindo’. Essa busca por uma identidade da própria nação, onde os sujeitos se inserem como cidadãos amplamente constituídos de peculiaridades, mas, ao mesmo tempo, unidos em uma identidade nacional, é caracterizada no romance na utopia de Nando no Xingu e na utopia da luta das ligas. Nesses dois momentos, as identidades pessoais tentam implantar um sistema identitário nacional no Brasil, através de seus ideais de luta, tentando unificar as diversas identidades nacionais.

A unificação de identidades nacionais se torna comprometida no momento em que o sujeito não é mais um ser unificado, e que suas identidades estão fragmentadas. O sujeito até se insere em uma determinada sociedade, ou grupo, mas não consegue mais voltar à estrutura do pensamento anterior de identidades unificadas, estáticas. O sujeito pós-moderno segundo Scruton, até consegue agir como indivíduo autônomo, mas sem perder a sua compreensão de ser algo mais amplo.

A condição de homem (*sic*) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar. (SCRUTON, apud HALL, 2000, p. 48).

No ambiente de lutas de classes, onde Nando faz parte do movimento revolucionário contra os donos de usinas; mais uma vez, ele se molda em uma nova camada de identidades, com resquícios das anteriores e segue na luta pessoal de sua saga identitária, andado pelas ‘lacunas’ deixadas por Levindo. O sujeito, no caso, Nando, faz uma releitura das ranhuras de seu disco de cera e, a partir desta, restitui uma identidade que, em contato com as experiências atuais e o ambiente, constrói a base da nova. Faz-se assim, uma leitura intertextual com o

próprio ritual denominado Quarup, em que ocorre a morte de uma identidade para que renasça uma nova, mais forte, para seguir as novas experiências em busca de seu 'eu' em permanente movimento cíclico.

A cada passo dessa saga, em busca de seu 'centro' identitário, a personagem se confronta com diversos outros discursos que vão constituir a formação de suas identidades.

Nando é direcionado, por exemplo, pela presença de Levindo em sua vida, mesmo depois de morto. Ao assimilar os ideais deixados pelo revolucionário, Nando se lança na luta pelas minorias, o que o levará, ao fim do romance, a encontrar seu sentido identitário. Nando constrói gradativamente seu caráter identitário que vai ser preenchido por todas as identidades anteriormente incorporadas. Todo esse processo de identidades remanescentes e atuantes em uma estrutura maior pode ser representado, simbolicamente, pelo 'disco de cera' composto pelas 'ranhuras', que são as diversas identidades.

O encontro deste 'eu' fragmentado, em processo permanente de construção, se dá no último ato de Nando. Nando preencherá espaços do disco com ranhuras, que são feitas por suas identidades e, agora, se sente tranquilo e equilibrado para seguir em frente, sem dúvidas.

Nando já a cavalo mal ouvia Manuel Tropeiro. Sentia que vinha vindo a grande visão. Sua deseducação estava completa. O ar da noite era um escuro éter. A sela do cavalo um alto pico. Da sela Nando abrangia a Mata, o Agreste e sentia na cara o sopro do fim da terra saindo das furnas de rocha quente. E viu: aquele mundo todo com sua cana, suas gentes e seus gados era Francisca molhando os pés na praia e de cabelos ardentos no Sertão. (CALLADO, 1984, p. 599).

Nesse momento da narrativa a personagem compreende o mundo à sua volta. O sentimento de contemplação e compreensão de seus questionamentos vem através de uma visão da realidade que tanto buscou durante a narrativa, a compreensão de seu 'eu'. Esse momento visionário ocorre devido a todo o processo de construção de sua identidade. A fragmentação das identidades sociais, culturais e individuais proporcionou o preenchimento de várias lacunas pendentes e assim chegar ao momento iluminado e conhecer-se. Mesmo ao fim da narrativa ainda há resquícios das antigas identidades de Nando, tanto na relação que a personagem faz sobre a noite, chamando-a de escuro éter, como na visão de Francisca na praia.

Nando, quando encontra seu destino final e compreende a sua totalidade, não se torna um sujeito unificado em uma identidade fixa e, continua com sua caminhada de experiências pelo sertão, junto com Manoel Tropeiro. A personagem chega ao momento final da narrativa com a sensação de que alcançou uma estabilidade identitária, devido a seu próprio 'Quarup' ao renascer como Levindo, mas, é somente mais uma etapa da contínua construção de seu

corpo identitário. A compreensão dessa identidade atual, por parte de Nando, é perceptível em sua fala: “- Nando riu: - Não se assuste Manuel. Eu agora viro qualquer coisa.” (CALLADO, 1984, p. 600) Nando assume o nome de Levindo e, a partir deste ato, se embrenha no ‘sertão’ desconhecido, mostrando a continuidade de uma nova vida.

3 CONCLUSÃO

Quarup é considerada uma das obras mais marcantes e talvez o romance sociopolítico de maior engajamento ideológico da década de 60. A partir do contexto da obra e da análise do processo pelo qual ocorreu a construção identitária de Nando, durante sua caminhada, percebe-se o surgimento e composição das identidades latentes e presentes na vida da personagem na narrativa. À luz de Stuart Hall aflora a tese da fragmentação do sujeito pós-moderno na personagem protagonista do romance. Seguindo as concepções de Hall e novas concepções criadas a partir delas, nota-se uma peculiar sobreposição de identidades em uma via cíclica de diálogos entre as mesmas. A essa via cíclica coube a metáfora de ‘disco de cera’.

A diversidade de espaços nos quais a narrativa caminha juntamente com a personagem e a torre de babel de diálogos em que ela está imersa faz com que suas identidades latentes saltem das ranhuras formando um corpo identitário múltiplo e de fácil adaptação aos meios. Essa sobreposição de identidades é responsável pela trajetória vitoriosa de Nando, que mesmo em meio a duras realidades se sobressai e cumpre sua função na narrativa.

Ao assumir a identidade de Levindo, a personagem cumpre seu destino. Porém, com é de caráter da pós-modernidade, seu corpo identitário não está completo, seu disco de cera apenas preencheu um dos lados. A visão cíclica do ritual Quarup na vida de Nando se faz presente na metáfora do ‘disco de cera’ como pequenos rituais Quarups que celebram a ressurreição de seus ancestrais, para Nando, a ressurreição de suas identidades.

CONSTRUCTIONS AND DISCOVERIES: fragmentation of character.

ABSTRACT²

²Transcrição realizada pela aluna Clevilson da Silva, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa e revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

This study aims at to analyze and reflect, through bibliographical studies and social theory of Stuart Hall, aspects that permeate the fragmentation process and construction of the identities of the main character, Nando, in the work **Quarup** by Antonio Callado. Literature published in 1967, during the period troubled Brazilian society, and that brings the political history of Brazil during time of Getúlio Vargas as a backdrop. During this study will discuss topics relation to the construction of the hero in the novel, the mapping of the occurrence of identities and the construction process of the body identity of Nando.

Keywords: Languages. Literature. Romance. Social Theory. Character. Identity. **Quarup**. Stuart Hall.

REFERÊNCIAS

CALLADO, Antonio. **Quarup**. 12.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.